

Contramemórias de 2013 no Rio de Janeiro

Counter-memories of 2013 in Rio de Janeiro

ALEXANDRE LUIZ FRECHETTE BARONE

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro – R.J., Brasil

RESUMO

O seguinte artigo versa sobre o impacto das manifestações populares de 2013 no Rio de Janeiro, iniciando com os protestos contra o aumento das tarifas de transporte público. Esses protestos rapidamente se expandiram para reivindicações mais amplas, como o direito ao espaço público e à participação cidadã, atraindo um grupo diversificado de manifestantes. A cobertura midiática criou uma dicotomia entre manifestantes "pacíficos" e "vândalos", enfatizando atos de desobediência civil. O artigo aborda a importância das ações artísticas e estético-políticas durante os protestos e também as ações do autor, atos que serviram como resistência simbólica e prática contra a opressão sistêmica, tentando ressignificar o espaço público.

PALAVRAS-CHAVE

Jornadas de junho, desobediência civil, direito à cidade, ações artísticas, ações estético-políticas.

ABSTRACT

The following article discusses the impact of the 2013 popular demonstrations in Rio de Janeiro, beginning with the protests against the increase in public transportation fares. These protests quickly expanded to broader demands, such as the right to public space and citizen participation, attracting a diverse group of demonstrators. Media coverage created a dichotomy between "peaceful" protesters and "vandals," emphasizing acts of civil disobedience. The article addresses the importance of artistic and aesthetic-political actions during the protests, and also the actions of the author, which served as symbolic and practical resistance against systemic oppression, attempting to re-signify public space.

KEYWORDS

June journeys, civil disobedience, right to the city, artistic actions, aesthetic-political actions.

1.Introdução

Para contextualizar meu percurso histórico-teórico por 2013, preciso delinear brevemente meu envolvimento prévio com os protestos ocorridos naquele ano. Em 2010, vivi uma experiência de descentralização e desterritorialização: mudei de residência, troquei de emprego e encarei o falecimento de minha mãe, com quem morava. Nesse período de transição, comecei a utilizar um pequeno caderno para desenhar os lugares que frequentava. Esse simples ato de desenhar evoluiu para a criação de diários multifacetados que integravam não apenas desenhos, mas também linguagens escritas, poéticas e cinematográficas.

Em "História da Sexualidade", Foucault discute como a escrita e a reflexão sobre a própria vida são práticas que permitem aos indivíduos explorar e reconfigurar sua identidade. O processo de utilizar um caderno para desenhar e criar diários multifacetados é uma prática de si que me permitiu explorar uma subjetividade em um

período de transição e transformação pessoal. A experiência de descentralização e desterritorialização representou um deslocamento das estruturas familiares e institucionais. E como alerta Foucault, “[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político, as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o dirigem, o supliciam, sujeita-o a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, p. 29, 1999). A prática de desenhar e manter diários pode ser vista como uma estratégia pessoal para exercer poder sobre a própria vida e narrativa, resistindo às formas dominantes de controle e definição da subjetividade.

Esses diários inicialmente focavam em minha cidade, Niterói, e em minha experiência recente como professor de artes em uma escola pública. Eles também abordavam afetos cotidianos, leituras, poemas e incluíam curtas-metragens documentários sobre temas variados. Gradualmente, os temas tratados nesses diários extrapolaram o âmbito doméstico, abordando questões públicas como o aumento das tarifas de transporte público e decisões parlamentares na câmara de vereadores de Niterói.

Em 2011, com a prática de construir diários mais consolidada, presenciei o movimento Ocupa Rio, que mobilizou numerosos manifestantes na praça da Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro. Além de participar das reuniões, criei meus primeiros cartazes para exibição pública em protestos com demandas sociais. O Ocupa Rio estava alinhado ao movimento Occupy Wall Street, que surgiu em 2011 contra a desigualdade econômica e social e a influência das empresas do setor financeiro no governo dos Estados Unidos.¹

2. Reconfigurações estético-políticas em 2013

Quando 2013 chegou, eu estava residindo em Santa Teresa, bairro próximo ao centro do Rio de Janeiro. Já frequentava com mais assiduidade os protestos populares e tinha vivido a experiência do Ocupa Rio. Assim, estando próximo ao centro da cidade, pude participar das manifestações populares com maior agilidade e frequência.

¹ Para saber mais sobre a tomada das ruas em diversos países em 2011 ver HARVEY, David (et al). *Occupy*. Trad. João Alexandre Peschanski (et al). São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

O ano de 2013 foi marcado por um impacto profundo das manifestações populares. O Movimento Passe Livre (MPL)² organizou protestos contra o aumento das tarifas de transporte público, mobilização que rapidamente ganhou adesão nacional. Esses protestos não apenas reivindicavam melhorias na mobilidade urbana, mas também reafirmavam o direito ao espaço público e à participação cidadã. As reivindicações iniciais sobre mobilidade urbana rapidamente se expandiram, atraindo um grupo diversificado de manifestantes aos espaços públicos.

A cobertura midiática das manifestações começou a construir uma dicotomia entre os manifestantes "pacíficos" e os "vândalos". Os atos de desobediência civil dirigidos contra o sistema de transporte público, como os "catracaços" (viagens feitas sem o pagamento das tarifas), o apedrejamento de trens, o incêndio de ônibus, as pichações nos muros e a construção de barricadas em protesto contra os recorrentes aumentos das tarifas, constituíram uma manifestação contundente de revolta contra um sistema subordinado aos imperativos mercantis. Esses atos de resistência eram a expressão de contestação de um sistema que marginaliza a população, tratando-a como objeto passivo, e não como sujeito ativo nas decisões que afetam sua vida cotidiana.

As ações artísticas e estético-políticas surgidas durante esse período de protestos desempenharam um papel crucial na articulação de uma crítica cultural e social ao status quo. Elas serviram como meio de resistência simbólica e prática contra a opressão sistêmica. A criação de cartazes, murais, performances e outras formas de expressão artística nas ruas refletia uma tentativa de ressignificar o espaço público, transformando-o em um campo de disputa e de afirmação de direitos.

O conceito de "direito à cidade" (Lefebvre, 2008) defende a ideia de que todos os habitantes, independentemente de sua condição social, deveriam ter acesso igualitário aos recursos e benefícios urbanos. Esse direito não se restringe apenas ao acesso físico ao espaço urbano, mas também envolve a participação ativa na sua produção, gestão e transformação. O "direito à cidade" inclui a possibilidade de influenciar as decisões políticas e econômicas que moldam a vida urbana, garantindo que a cidade seja um espaço de inclusão, diversidade e justiça social. Durante os

² O Movimento Passe Livre (MPL) é um movimento social apartidário que luta por um transporte público gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada. Para saber mais: www.mpl.org.br. Acesso em 22/07/2024.

protestos de 2013, a luta por esse direito ficou evidente nas reivindicações por melhorias no transporte público, moradia digna, acesso a serviços básicos e maior transparência e participação nas políticas urbanas. Assim, o movimento reivindicava não apenas melhores condições materiais, mas também o reconhecimento e a valorização dos cidadãos como agentes ativos na construção do espaço urbano.

As Jornadas de Junho, conhecidas por reunirem o maior número de participantes naquele mês, também trouxeram à tona a violência contra eles. Foi nesse contexto que iniciei o projeto "Manifestações Diárias", com o objetivo de retratar os rostos dos manifestantes vítimas de violência durante esses protestos, seja por ação policial ou civil. Este trabalho visava dar visibilidade às dores invisíveis desses manifestantes, frequentemente ignoradas pela mídia nacional, que tendia a enfatizar imagens de depredação atribuídas aos "vândalos". Através de "Manifestações Diárias", procurei não apenas documentar eventos históricos, mas também provocar uma reflexão crítica sobre a violência institucional e a resistência popular.

A primeira exibição desses retratos ocorreu em um espaço público, especificamente na praça em frente aos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro, durante o evento Ocupa Lapa, organizado por um grupo de artistas ativistas que também contava com integrantes do coletivo Reage Artista!. O Ocupa Lapa surgiu exatamente por conta da repressão policial após o protesto de 20 de junho. Disse Marcos Galiña, um dos organizadores:

Nossa primeira reunião preparatória foi logo na primeira semana após o dia da brutalidade. Em seguida, realizamos reuniões semanais para articular este festival colaborativo, em que ninguém está tendo gasto financeiro e as pessoas estão trazendo seus próprios equipamentos. Trata-se de uma integração autônoma dos artistas do Rio. (GALIÑA. PROTESTO pacífico contra a violência policial na Lapa. Extra [online], 2013)

Nesse contexto, apresentei um total de 19 retratos, enfrentando o significativo desafio de coletar histórias autênticas, já que as tensões do momento silenciavam muitos depoimentos em potencial.



Figura 1. Público no Ocupa Lapa, 2013. Foto: Guidi Vieira.

Para superar essas dificuldades, dei prioridade inicial aos indivíduos dispostos a compartilhar suas experiências com a mídia alternativa, representada por coletivos como Mariachi e Mídia Ninja. Esses grupos se tornaram presenças constantes nas manifestações, oferecendo uma plataforma para vozes marginalizadas. A exibição na praça central não apenas atraiu um público interessado, mas também indivíduos com histórias significativas para contar, facilitando a expansão do meu trabalho.

Durante esse processo, documentei relatos sobre duas mortes ligadas aos protestos, adicionando uma dimensão trágica e urgente à minha documentação: a diretora teatral Gleise Nana, que faleceu em um incêndio em sua casa após denunciar ameaças de um policial militar devido à sua participação nas manifestações; e Fernando da Silva Candido, que morreu após inalar uma grande quantidade de gás lacrimogêneo durante uma manifestação.³

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/08/mp-do-rio-apura-morte-de-ator-apos-inalacao-de-gas-lacrimogeneo.html>. Acesso em 22/07/2024.



Figura 2. FRECHETTE, Alex. Retratos da Série Manifestações Diárias, 2013. Registro do autor.

O Ocupa Lapa era uma manifestação que começava as 10 da manhã e terminava próximo das 22 horas, com uma programação diversa. Durante o dia, eram realizados debates conhecidos como "face rua," que incentivavam discussões sobre questões sociais, políticas e culturais, performances, exposições de artes visuais, dança, literatura e música mecânica. À noite, a praça se transformava em um vibrante palco para bandas e músicos, criando uma atmosfera de celebração e resistência. O Ocupa Lapa pode ser relacionado de forma significativa com o conceito de Zonas

Autônomas Temporárias (TAZ) (Bey, 2004). Bey cunhou esse termo em sua obra "Temporary Autonomous Zone", para descrever espaços temporários de autonomia que escapam ao controle das autoridades e sistemas de poder instituídos, criando áreas de liberdade onde novas formas de expressão e organização social podem emergir. "A TAZ, deseja, acima de tudo, evitar a mediação, experimentar a existência de uma forma imediata. A essência da TAZ é o 'peito-a-peito', como dizem os sufis ou cara-a-cara." (BEY, p.13, 2004). Outra característica essencial das TAZs é sua habilidade de operar fora dos mecanismos de controle tradicionais, permitindo uma crítica aberta e direta às estruturas de poder. O Ocupa Lapa utilizava a ocupação temporária e a ação direta através da arte para criticar a violência estatal desencadeada a partir de junho de 2013. Essa crítica não era apenas teórica, mas se materializava concretamente nos eventos e intervenções estético-políticas que redefiniam o uso e o significado do espaço público.

Era realizado também um café da manhã coletivo na Praça da Cruz Vermelha, o que pode ser compreendido como uma intervenção social significativa, desafiando barreiras socioeconômicas e promovendo um senso de pertencimento entre indivíduos de diferentes origens. Ao oferecer refeições gratuitas e criar um espaço acolhedor para o encontro e a interação com moradores em situação de rua, a iniciativa destacou a importância da hospitalidade e da empatia na construção de comunidades mais coesas e resilientes.

Este evento também serviu como ponto de partida para discussões mais amplas sobre segurança alimentar, dignidade humana e direito à cidade. A prática de fornecer refeições a pessoas em situação de vulnerabilidade revelou-se uma forma eficaz de refletir sobre a exclusão social e fortalecer as redes de apoio comunitário. Através da partilha de alimentos, foi possível transcender as diferenças individuais e promover um senso de comunidade e solidariedade.

A iniciativa sublinhou a relevância de ações locais e colaborativas como catalisadoras de mudanças sociais significativas, destacando a capacidade da comunidade de se auto-organizar e responder às suas próprias necessidades de maneira coletiva e inclusiva.



Figura 3. FRECHETTE, Alex (ilustração); GALIÑA, Marcos (design). Cartaz de uma das edições do Ocupa Lapa, 2014. Registro do autor.

No mês de agosto de 2013, emergiu o movimento conhecido como Ocupa Câmara. Este movimento encontrou seu epicentro na praça da Cinelândia e ergueu-se como um contraponto à instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) potencialmente parcial, que poderia comprometer a investigação de possíveis irregularidades nas tarifas de transporte público. Além de sua função política, o movimento Ocupa Câmara também realizou intervenções estéticas que reconfiguraram o espaço público a começar pela presença marcante das barracas em frente à sede do Poder Legislativo.⁴

Os participantes do movimento Ocupa Câmara enfrentaram uma constante vigilância policial e a ameaça iminente de reintegração de posse, desafiando essas adversidades por meio de uma série de estratégias culturais e políticas. Entre as atividades organizadas para manter a mobilização, destacaram-se sarais, sessões de yoga, exibições cinematográficas, rodas de conversa e *flash mobs*, como o memorável

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupacamarario/>. Acesso em 22/07/2024.

evento "Abraça um mascarado". Neste, manifestantes com os rostos encobertos por máscaras como praticantes *Black Bloc* (prática explicada mais a frente) carregavam placas com a mensagem "abraço qualquer pessoa", interagindo de forma pacífica, mas provocativa com os transeuntes, visando desafiar as percepções estigmatizadas associadas aos protestos.

Outra manifestação significativa foi a "Descomemoração de um mês de Ocupação", durante a qual os participantes pintaram gelos baianos (blocos de cimento da praça) como lápides simbolizando os políticos que votaram contra a continuidade da CPI dos Ônibus, denunciando assim a falta de transparência e o comprometimento político na investigação de irregularidades no transporte público. Além disso, cobriram um carro pertencente à poeta Beatriz Provasi com um pano negro, transformando-o de forma simbólica em uma funerária fictícia chamada "Vá com Paes". Esta ação visualmente impactante não apenas critica os agentes políticos envolvidos, mas também simboliza a morte simbólica da justiça e da transparência nas decisões governamentais como também remete diretamente ao nome do prefeito à época e atualmente, Eduardo Paes.

Essas intervenções exemplificam a capacidade dos movimentos sociais de empregar estratégias artísticas e simbólicas para resistir à repressão e ampliar o alcance de suas mensagens. Ao desafiar as autoridades e provocar o debate público, os participantes do Ocupa Câmara não apenas reivindicaram o espaço urbano como um local de expressão democrática, mas também lançaram luz sobre as injustiças e as contradições do sistema político vigente.

Em 15 de outubro, durante um protesto dos professores estaduais e municipais em greve, o movimento Ocupa Câmara posicionou-se solidariamente. Contudo, a resposta policial foi marcada por uma repressão ainda mais severa que resultou na detenção de dezenas de manifestantes. Enquanto alguns foram liberados rapidamente, outros enfrentaram detenção prolongada, exacerbando as tensões políticas e sociais. A cobertura midiática intensa refletiu a gravidade do evento, com jornais como O Globo estampando manchetes como "Lei mais dura leva 70 vândalos para presídios"⁵ onde três dos manifestantes, Jair Seixas, Elisa Quadros (conhecida como Sininho) e Rodrigo Azoubel, foram destacados.

⁵ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/jornais-lei-mais-dura-leva-70-vandalos-para-presidios/>. Acesso em 22/07/2024



Figura 4. Série Manifestações Diárias em frente a Câmara Municipal do Rio de Janeiro no ato que lembrou um ano das detenções de ativistas, em outubro de 2014. Foto: Guidi Vieira

Entre os indivíduos perseguidos, a trajetória de Elisa Quadros, especialmente, captou a atenção nacional devido às acusações de liderança em um suposto grupo armado e à associação com a tática Black Bloc que visa atacar símbolos do capitalismo, como lojas e bancos, por meio de ações diretas. Os participantes do Black Bloc adotam vestimentas negras e usam equipamentos improvisados, como escudos e capacetes, para se protegerem contra a repressão policial. Vestidos de preto e com rostos cobertos, os Black Blocs operam dentro de uma estética que desafia a violência simbólica e física perpetrada pelas políticas econômicas excludentes. Este comportamento pode ser interpretado à luz da teoria do contra-poder (Foucault, 1999), buscando desestabilizar e confrontar as normas dominantes através de práticas que desafiam abertamente as estruturas de controle institucionais.

Embora as imagens de figuras mascaradas possam provocar impacto televisivo, é imperativo compreender a complexidade das dinâmicas de poder subjacentes e as motivações que impulsionam essas manifestações. A violência perpetrada pelos *Black Blocs* contra vidros de bancos e outros símbolos do capital,

em certa medida, emprega um poder simbólico ao utilizar a estética como meio de desfigurar estes símbolos. As ações de quebra de vidraças em agências bancárias de grandes corporações internacionais, embora pareçam dramáticas para muitos, não afetam significativamente os lucros exorbitantes dessas instituições, que são frequentemente exibidos de forma cínica em seus relatórios financeiros anuais.

Paralelamente, a iconografia da violência estatal também possui uma dimensão estética significativa. Por exemplo, a imagem icônica de uma caveira perfurada por uma faca, acompanhada por dois revólveres, símbolo distintivo do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), evoca a morte de maneira institucionalizada e parecem normalizados.

Essas representações estéticas tanto dos *Black Blocs* quanto das forças de segurança refletem não apenas estratégias de comunicação visual, mas também uma forma de expressão simbólica que visa impactar emocional e psicologicamente aqueles que as testemunham. Ao explorar essas dimensões estéticas da violência política, é possível discernir como as imagens e símbolos são utilizados estrategicamente para legitimar certas práticas de poder e resistência dentro do contexto urbano contemporâneo.

Este embate entre a violência simbólica dos manifestantes e a violência institucional do Estado destaca a intrincada complexidade das dinâmicas de poder em jogo, onde a estética se revela um campo de confronto tão crucial quanto o próprio cenário físico dos protestos e das repressões.

O movimento de 2013, caracterizado pela ausência de uma liderança centralizada, confrontou a narrativa tradicional de hierarquização piramidal promovida pela mídia corporativa, que insiste na ideia de que sempre deve haver uma figura de comando.

Em 20 de setembro de 2013, após a divulgação de um vídeo onde se declarava perseguida, eu produzi um desenho de Elisa Quadros para minha série e o compartilhei na internet. Observei Elisa em outras manifestações pelas ruas até que, em 15 de outubro de 2013, ela foi detida na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro. Durante esse período, Elisa, que ficou conhecida como Sininho, emergiu como uma figura central na cobertura midiática, sendo retratada como líder dos *Black Blocs* ao aparecer na capa do jornal O Globo e pouco tempo depois da capa da revista Veja.

Em outubro de 2013, Elisa protagonizou uma ação estético-política durante o evento conhecido como "Grito da Liberdade", no qual manifestantes marcharam em

silêncio ao longo da Avenida Rio Branco. Nessa ocasião, Elisa "vestiu" o jornal O Globo, que a rotulava como vândala, e ao término da marcha, rasgou e queimou o jornal em um ato simbólico de resistência e contestação aquela narrativa jornalística. Esses exemplos ilustram a capacidade das intervenções artísticas e políticas de desafiar as normas sociais e provocar reflexões críticas sobre a violência simbólica e institucional.



Figura 5. FRECHETTE, Alex. Série Manifestações Diárias, Elisa Quadros, 2013. Registro do autor.

Em dezembro de 2013, Elisa também impulsionou o evento "Mais Amor, Menos Capital", que serviu como uma festividade natalina em prol das pessoas em situação de rua no Rio de Janeiro. O evento incluía uma ceia, saraus e oficinas artísticas. A lista de doadores e doações, que totalizaram R\$ 1.690,00, foi mencionada

na revista *Veja* em fevereiro de 2014, no blog do colunista Reinaldo Azevedo, cuja matéria destacava com alarde o “perigo” do evento e seus participantes⁶. Este episódio exemplifica a complexidade das dinâmicas de poder e a batalha pela construção de significados na esfera pública, onde ações simbólicas e estéticas desempenham um papel crucial na contestação e na reconfiguração das representações midiáticas e sociais.

Tanto no Ocupa Câmara quanto no Grito da Liberdade, que se tratava de um protesto realizado em completo silêncio durante toda a Avenida Rio Branco, expus os retratos da série *Manifestações Diárias*. No Ocupa Câmara, coloquei os retratos no chão em frente à escadaria do prédio, e no Grito da Liberdade, distribuí os cartazes para meus colegas, que os seguravam com vendas nas bocas. Ali, descobri o potencial performativo de empunhar imagens nas manifestações.



Figura 6. Cartazes da série *Manifestações Diárias* no Grito da Liberdade, 2013. Foto: Guidi Vieira

Outro evento de notável importância foi o "Casamento da Dona Baratinha", uma intervenção ocorrida durante a celebração do casamento de Beatriz Barata, neta do empresário de ônibus Jacob Barata. Esta manifestação teve lugar em frente à

⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/vereadores-do-psol-delegado-e-juiz-aparecem-em-lista-de-doadores-dos-black-blocs-todos-de-esquerda-e-claro>. Acesso em 22/07/2024.

Igreja da Candelária, onde se desenrolava a cerimônia, e consistiu na dança de uma quadrilha pelos manifestantes, que distribuíram baratas de plástico. Uma das participantes, vestida de noiva, exibiu um cartaz com a mensagem: “Dona Baratinha, vá de ônibus para o Copacabana Palace”, ironizando o contraste entre a riqueza ostensiva e as condições precárias enfrentadas por muitos e onde se daria a recepção festiva aos convidados.

Foi ali onde os convidados VIP do hotel mencionado lançaram aviões de papel feitos com notas de vinte reais e também um cinzeiro, arremessado de uma janela, que atingiu a testa do manifestante Ruan que por sorte não acarretou complicações mais severas para sua saúde. Este episódio não apenas ilustra a tensão e os conflitos surgidos durante as manifestações sociais, mas também sublinha a disparidade de poder econômico e social que permeia as dinâmicas urbanas contemporâneas. Ao incorporar elementos teatrais e visuais, os manifestantes não apenas capturaram a atenção pública, mas também lançaram luz sobre questões de desigualdade e privilégio. Este evento exemplifica o papel da arte pública como meio de confrontar e desafiar narrativas dominantes, ao mesmo tempo em que mostra a impunidade de quem pode ferir outra pessoa jogando-lhe um cinzeiro sem ter grandes consequências posteriores.



Figura 7. FRECHETTE, Alex. Série Manifestações Diárias, Ruan Martins, 2013. Registro do autor.

A seguir apresentarei exemplos de que havia uma construção de enfrentamento das forças do estado com manifestantes: o policial conhecido por Tiago Tiroteio tornou-se uma figura controversa ao publicar, em seu perfil no *Facebook*, uma fotografia em que, fardado e sentado em uma escada, exibia um cassetete quebrado enquanto fazia um gesto com os dedos que poderia ser interpretado como um "V" de vitória. Acompanhando essa imagem, ele ironizava os protestos dos professores em greve (em outubro daquele ano) com a frase "foi mal fessor!!". Tal atitude gerou grande

indignação em diversos setores da sociedade e provocou uma série de reportagens, destacando a insensibilidade e a hostilidade evidentes em sua postura⁷.

Outro episódio simbólico da repressão policial foi encapsulado na frase "porque eu quis"⁸. Em um vídeo registrado em Brasília, em 7 de setembro de 2013, durante uma manifestação em que manifestantes tentavam levar uma bandeira ao Congresso Nacional, após conflitos e o uso de spray de pimenta, os manifestantes questionaram o Capitão Bruno sobre o motivo de terem sido agredidos com gás, mesmo sem ultrapassarem o limite imposto por ele. Com um sorriso no rosto, o capitão respondeu de forma arrogante e desdenhosa: "porque eu quis, pode ir lá e denunciar, tá bom?" Este incidente emblemático não só revelou a arbitrariedade da força policial, mas também a impunidade com que operavam, evidenciando um desprezo absoluto pelas normas democráticas e pelos direitos dos cidadãos.

Outro vídeo impactante da época, registrado no Rio de Janeiro, envolveu os agentes conhecidos como Tenente Andrade e Major Pinto. Esses oficiais abordaram um grupo de manifestantes e iniciaram uma revista, durante a qual o Tenente Andrade, já segurando três morteiros, discretamente deixou-os cair próximo à mochila da pessoa revistada, acusando-a falsamente de portar explosivos. Esta ação vergonhosa foi capturada em vídeo, servindo como prova irrefutável da tática desonesta e da má-fé empregada pelos agentes de segurança. O incidente destacou a manipulação das evidências e a fabricação de pretextos para justificar a repressão violenta dos protestos.

O contexto das manifestações de 2013 foi marcado por uma série de abusos e excessos cometidos pelas forças policiais, refletindo um padrão de comportamento que desrespeitava os princípios democráticos e os direitos civis. A documentação e a divulgação desses episódios foram cruciais para a mobilização da opinião pública e para a intensificação do debate sobre a violência policial e a repressão estatal. Ao expor tais práticas, ativistas e jornalistas contribuíram para a construção de uma narrativa que desafiava a hegemonia do discurso oficial e promovia a responsabilização dos agentes envolvidos.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/pm-exibe-cassetete-quebrado-diz-foi-mal-fessor-e-causa-repudio-na-web.html>. Acesso em 22/07/2024.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2013/09/porque-eu-quis-diz-pm-questionado-por-jogar-gas-em-jovens-no-df-veja.html>. Acesso em 22/07/2024.

Os conflitos mencionados exemplificam de forma contundente as constatações divulgadas pela ONG Artigo 19 (Artigo 19, 2014), baseadas em dados meticulosamente coletados: durante os protestos de 2013, oito pessoas perderam suas vidas, 837 ficaram feridas e 2608 foram detidas. O levantamento também destacou uma série de abusos sistemáticos perpetrados pelas forças policiais no Brasil, incluindo a falta de identificação dos agentes, o uso indiscriminado de munição não letal como balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo, além da prática generalizada de detenções arbitrárias.

Havia também dois participantes que se destacavam nas manifestações devido à utilização estratégica da estética similares como força chamativa, apresentando-se vestidos como o personagem Batman. Eron Melo, conhecido como o Batman dos protestos, era um participante assíduo que se empenhava em estar presente em todas as ocasiões. Ele possuía um uniforme muito similar ao personagem dos filmes e confeccionava diversas versões das máscaras do super-herói, aproveitando sua habilidade como protético. Inicialmente, Eron se associou aos grupos anarquistas e de esquerda, mas com o tempo, suas visões de mundo transitaram para um campo conservador e de direita, resultando em seu afastamento dos grupos iniciais.

O outro Batman era Carlos D. Medeiros, ilustrador, designer e artista, que criou o personagem chamado Batman Pobre. Carlos iniciou sua performance como Batman após desenvolver o trabalho intitulado “Parangolixo”, inspirado nos parangolés de Hélio Oiticica, mas utilizando materiais recicláveis. Seu traje consistia apenas de uma pochete, uma sunga e um saco de lixo que servia como capa, cobrindo também o rosto e a cabeça com grandes orelhas que remetem ao personagem original. A logo do herói era desenhada com uma caneta diretamente sobre seu peito nu. O Batman Pobre, ou Bruce Wayne dos Santos, era uma representação de um ex-milionário que, agora desabrigado, vagava pelas ruas do Rio de Janeiro.

Os dois Batmans protagonizaram uma cena icônica, registrada pelo Coletivo Mariachi, quando subiram no alto dos Arcos da Lapa em 15 de outubro de 2013, enquanto um helicóptero da Polícia Militar iluminava os presentes com seu holofote.

Essas figuras utilizavam a estética dos super-heróis para chamar a atenção e promover suas mensagens políticas, criando uma narrativa visual poderosa que desafiava as convenções e as estruturas de poder estabelecidas. Suas intervenções ilustram a capacidade das performances artísticas de reconfigurar o espaço público e

engajar a sociedade em discussões sobre justiça social, identidade e resistência. Outra figura proeminente nas manifestações foi Sérgio Luiz dos Santos das Dores, conhecido como Presidente. Ele participou ativamente da ocupação da Câmara Municipal, além de diversas outras atividades militantes e estético-políticas. Uma imagem sua icônica é, por exemplo, a que usa uma faixa que alude à faixa presidencial mas com a inscrição "phoder público". Em situação de rua, Sérgio dormia sob a marquise do restaurante "Amarelinho" na Cinelândia. Muito ativo e querido pelos movimentos sociais, ele faleceu em 2015 após adoecer na rua. Sérgio foi a primeira pessoa em situação de rua a ser velada na Câmara Municipal, que, nesse momento, cumpriu seu papel de "casa do povo". Em homenagem a ele, pintei, a pedido de outros manifestantes, sua lápide que está localizada no cemitério do Catumbi, com a inscrição "Presidente, presente!".

3. De memórias a contramemórias

A partir de novembro de 2013, decidi que além de criar as pinturas da série Manifestações Diárias, iria registrar minhas experiências, (memórias que se tornaram contramemórias) nesse âmbito contestatório, inicialmente em um blog. No ano seguinte, esse blog evoluiu para um livro, no qual este artigo foi baseado. Esse trabalho surgiu como uma resposta aos poderes autoritários que pairavam sobre muitas das pessoas que eu conhecia, como fantasmas onipresentes e totalizantes. Se o biopoder é um cálculo sobre a vida (Foucault, 1999), ele também impulsiona uma capacidade de resiliência, algo que busquei capturar tanto na produção do livro quanto nas séries de arte.

Se hoje, por muitos, 2013 é visto como estopim para a ascensão da extrema direita no Brasil, um 2013 como um movimento multifacetado de contestação e busca por direitos urbanos não pode ser esquecido.

Minha intenção era também transformar a cidade criativamente, pois ela nos oferece uma noção e, de certo modo, uma ordem através dos poderes e da arquitetura sobre como devemos pensar, onde devemos andar mais rápido, onde devemos andar mais devagar, onde repousar e como nos comportar. Ao reimaginar e recriar a cidade, buscava, como tantos colegas, uma vida cotidiana em um contexto mais livre, onde o direito de ir e vir – causa primeira das manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus – fosse respeitado e radicalizado.

Referências

28 DE MAIO, Coletivo. O que é uma ação estético-política? (um contramanifesto). **Revista Vazantes**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 192–200, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/vazantes/article/view/20463>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ARTIGO 19. Relatório Protestos no Brasil 2013. São Paulo: **Artigo 19 ONG**, 2014. Disponível em: <https://artigo19.org/2014/06/23/relatorio-protestos-no-brasil-2013/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

BEY, Hakim. **Caos, terrorismo poético e outros crimes exemplares**. São Paulo, Conrad, 2003.

BEY, Hakim. **Taz: zona autônoma temporária**. São Paulo, Conrad, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

GALINA, M. Protesto pacífico contra a violência policial na Lapa. **Extra** [online], Rio de Janeiro, 21 de jul. 2013, Notícias Rio. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/protesto-pacifico-contraviolencia-policial-na-lapa-9115463.html>. Acesso em: 29/06/2024.

HARVEY, David (et al). **Occupy**. Trad. João Alexandre Peschanski (et al). São Paulo, Boitempo Editorial, 2012.

JOURDAN, Camila. **2013, memórias e resistências**. Rio de Janeiro, Circuito, 2018.

LEFEVBRE, Henri. **O Direito à Cidade**. 5 ed. São Paulo, Editora Centauro, 2008.

PROVASI, Beatriz. **“Olha eu aqui de novo!”** A tomada das ruas em 2013 e sua poesia inesgotável. Rio de Janeiro, Editora Nômade, 2024.

Sobre o autor

Artista visual e doutorando em Artes pela UERJ, reside e trabalha em Niterói-RJ. Seu trabalho como artista engloba desenhos, pinturas, objetos e vídeos, explorando elementos do cotidiano social brasileiro e seus desdobramentos, pulsões e tensões numa busca por discussões sobre história, memória, ativismos e processos poéticos contra-hegemônicos.

alexluiz@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9551195992860908>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2692-0791>

Recebido em: 24-07-2024

Como citar

FRECHETTE, Alexandre Luiz Barone. Contramemórias de 2013 no Rio de Janeiro. *Revista Estado da Arte*, Uberlândia, v. 5 n. 2, n.p., jul. – dez. 2024. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n2-2024-74168> [Versão ahead of print]



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.